

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO FAZER DOCENTE NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

TRAINING EXPERIENCES IN TEACHING IN THE GEOGRAPHY DEGREE COURSE: REFLECTIONS FROM THE SUPERVISED INTERNSHIP

Emely Sena de Oliveira¹; Wagner da Silva Dias²

RESUMO

O presente relato de experiência aborda a relevância das vivências nos estágios supervisionados I e II de um curso de licenciatura em Geografia, enfocando as atividades das regências como uma etapa de aprendizagem para professores em formação. Reconhecemos a regência como uma atividade central no estágio para a formação inicial. As reflexões obtidas no estágio supervisionado demonstraram que no meio escolar sempre existirá desafios a serem enfrentados, e o reconhecimento deste fato é o que nos chama a compreender que a atividade docente é complexa, demandando o trabalho em sala de aula, mas também envolvimento em outras questões do cotidiano escolar.

Palavras-chave: regência; formação inicial de professores; ensino de Geografia, estágio supervisionado.

ABSTRACT

This experience report addresses the relevance of the experiences in supervised stages I and II of a Geography degree course, focusing on the activities of the regency as a learning stage for teachers in training. We recognize conducting as a central activity in the initial training internship. The reflections obtained in the supervised internship demonstrated that in the school environment there will always be challenges to be faced, and the recognition of this fact is what calls us to understand that teaching activity is complex, demanding work in the classroom, but also involvement in other activities. everyday school issues.

Keywords: classroom; initial teacher training; Geography teaching, supervised internship.

1 Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Brasil.

2 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela USP. Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0654-0281>

INTRODUÇÃO

Este artigo aponta experiências vivenciadas nos estágios supervisionados I e II no curso de licenciatura em Geografia do Núcleo de Ensino Superior de Coari (NESCO) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), envolvendo as regências realizadas nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, ocorridas em duas escolas estaduais do município de Coari ao longo de 2023. Além das regências, destacamos a importância da observação participante e das práticas realizadas e disponibilizadas pela supervisão das escolas.

Apesar de a regência ser considerada por muitos estagiários uma fonte de preocupação por se tratar de uma atividade avaliativa obrigatória dos estágios supervisionados, vimos na execução das regências uma oportunidade de enfrentar os desafios propostos em uma escola, elencando algumas reflexões ao perceber que as atividades em sala de aula não se descolam do contexto onde a escola está inserida e de seu cotidiano.

A aquisição das habilidades e as ações realizadas nesse momento foram essenciais para que se chegasse a uma compreensão de que não há fórmula pronta para realizar uma aula perfeita, mas que deve haver um esforço contínuo do aprimoramento das práticas pedagógicas, já que o processo de ensino-aprendizagem é dinâmico. Sendo assim, devemos ter a noção da responsabilidade e o interesse nessa busca, proporcionando aulas diferenciadas e interessantes.

A partir das reflexões obtidas em ambos os locais de estágio, compreendemos a relevância das experiências na escola como espaço de ensino-aprendizagem e de convivência. Como professora em formação, foi fundamental passar por construções e desconstruções sobre o fazer docente nos contextos que pudemos vivenciar.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Mediante a observação das metodologias das professoras de Geografia dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, surgiram algumas reflexões sobre a importância que os professores têm na formação dos estudantes. Levantamos, dessa forma, várias lembranças do passado sobre as aulas de geografia que tivemos na época em que estávamos no ensino básico e das aulas da licenciatura dos dias atuais. Também despertou o interesse para projetar situações de ensino-aprendizagem no ensino básico como futura docente. Com isso, concordamos com Martins e Tonini (2016, p. 102) quando afirmam que “é importante discutir o estágio supervisionado como espaço de formação e de construção de saberes que oportuniza o desenvolvimento das aprendizagens significativas e indispensáveis da docência”.

Esta importância de discussão do estágio como espaço de aprendizagem para os futuros docentes, pode proporcionar diversas aproximações com a escola. De acordo com Parente e Mattos (2015) o estágio supervisionado pode estabelecer-se como: a) reconhecimento da realidade; b) iniciação à docência; c) possibilidade de pesquisa; d) possibilidade de extensão.

Em nosso caso, pudemos realizar o estágio com atividades que incluíram o reconhecimento da realidade, a iniciação à docência, sobretudo por meio das regências, e como oportunidade de pesquisa no contexto escolar. Estas atividades favorecem o cumprimento daquilo que o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de licenciatura em Geografia (NESCO-UEA) aponta como as competências e habilidades necessárias para a formação do/a professor/a de Geografia. Segundo o PPC, a aquisição das competências e habilidades nos estágios supervisionados deve ocorrer através das experiências advindas dos locais onde ocorrem os estágios. Este entendimento é importante porque desmistifica a escola como mero local de aplicação, numa relação hierarquizada com a universidade como local de produção do saber.

Ao contrário, as vivências do cotidiano escolar e na sala de aula é o que possibilitam o intercâmbio de saberes entre escola e universidade.

Desse modo, percebemos que as experiências obtidas na escola através do estágio supervisionado, em conjunto com os outros componentes curriculares da licenciatura, beneficiam na construção e aperfeiçoamento de habilidades que a carreira da docência necessita, ou seja, os acadêmicos que procuram seguir a carreira como professor/a só adquirem as posturas necessárias quando conhecem a realidade da escola e refletem sobre ela.

De acordo com Cabral e Medeiros (2006, p. 13):

Podemos enfatizar então, a necessidade e a urgência de superação do modelo de racionalidade instrumental pelo de emancipação e autonomia na formação de professor, bem como compreender que a formação pessoal e profissional se caracteriza como um devir permanente, envolvendo as experiências de formação – inicial e continuada – e as experiências do/no exercício da profissão.

Partindo das considerações de Cabral e Medeiros, podemos dizer que a prática docente deve ser mais que um conjunto de procedimentos, cabendo ao docente em formação fazer sua parte como contribuinte de seu próprio desenvolvimento, com vistas à melhoria de sua prática pedagógica.

Assim, reconhecemos que o estágio supervisionado é fundamental para a formação docente em seu estágio inicial. Por meio deste conjunto de possibilidades que o estágio nos oferece, vamos construindo e conhecendo nossa identidade como docente, refletindo sobre as teorias, metodologias e as práticas com as quais vamos nos deparando.

COMENTÁRIOS E REFLEXÕES DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Muito da carga horária cumprida na escola se relacionou com a observação participante, em que elementos do cotidiano escolar e da dinâmica da sala de aula eram o nosso foco. O processo de observar e registrar permitia a organização das ideias e daquilo que era percebido em cada momento. Diversos momentos observados provocaram reflexões sobre como certas situações poderiam ocorrer de outra forma, nos ajudando a planejar intervenções ou provocando a nossa formação docente para que possamos fazer diferente.

Por outro lado, há situações verdadeiramente inspiradoras para a prática docente, para o relacionamento com o grupo de estudantes e com outros docentes da unidade de ensino. Ressaltamos, no entanto, que passamos um período curto do ano letivo convivendo dentro da escola e que nossas análises devem levar isto em conta. Há muito mais questões que se desenvolvem ao longo do ano e tudo ali já possui uma história quando chegamos na escola. Nossa percepção não pode emitir julgamentos definitivos, justamente porque permanecemos na escola como docentes em formação, aprendendo com aquelas situações observadas.

A participação no planejamento de algumas aulas dos anos finais do ensino fundamental se deu através das horas de trabalho pedagógico (HTP) em conjunto com a professora supervisora e outro colega estagiário. Nestes momentos, em que houve a oportunidade de planejar algumas aulas e atividades, vimos a oportunidade enriquecedora para o nosso desenvolvimento como acadêmicos de geografia e docentes em formação. As reuniões de planejamento foram relevantes porque foram as primeiras experiências neste tipo de atividade, em que, além das sequências didáticas, foi possível pensar e elaborar um roteiro de atividade ao ar livre com os estudantes do 6º ano em um espaço não escolar no entorno da escola.

Em relação à participação nas reuniões pedagógicas da escola, com todo o corpo docente, não houve a oportunidade de participar, pois a opção do grupo gestor era da participação estrita de quem trabalha na escola. Poderia ter sido um diferencial em nossa formação como estagiários, mas como público externo temos que respeitar as decisões e espaços da escola.

Participação em atividades

A realização do estágio supervisionado numa escola estadual de ensino básico nos oportunizou conhecer o cotidiano de um professor dentro de uma instituição de ensino pública. Além das atividades em sala de aula, há outras tarefas ligadas ao planejamento e ao funcionamento da escola. Foi possível notar a indissociabilidade entre a docência e o envolvimento com os assuntos da escola.

Outro fator importante para conhecer a realidade da escola pública foi a interação com os estudantes durante as aulas de geografia. Através deste convívio foi possível conhecer um pouco do público que a escola atende, bem como do seu entorno institucional e social. Além disso, pudemos realizar atividades, corrigir tarefas, ministrar conteúdos, entre outras iniciativas, que permitiram vivenciar o que é a docência. Foram estas oportunidades que mostraram a relevância do ensino de Geografia na escola básica e a necessidade de abordar os conteúdos contextualizados com o público para o qual estávamos nos dirigindo.

De acordo com Martins e Tonini (2016, p. 102):

Ao reconhecermos a importância das experiências construídas no tempo e espaço do Estágio Supervisionado, entendemos que o processo de formação profissional se constitui de diferentes momentos e se efetiva na prática, por meio dos saberes que são construídos na experiência docente cotidiana da sala de aula. É no espaço-tempo da escola que o aluno em formação se aproxima dos fazeres da profissão.

Em relação às experiências citadas pelas autoras, as atividades de observação, participação e regência desenvolvidas nas turmas dos 6º anos ao 9º anos, foram marcantes para pensar nossa formação profissional e, principalmente, nos fazer refletir sobre o papel do professor em cada um dos contextos que foram surgindo dentro do estágio. Como afirma Menezes e Kaercher (2015, p. 52), “não há uma receita que possa explicar como o professor deve agir em cada situação de aula, tendo em vista a dinamicidade e complexidade do processo de ensino-aprendizagem”.

Regência no ensino fundamental

Os preparos da regência ocorreram no decorrer do estágio conforme as orientações dos orientadores do estágio supervisionado I. Com relação à execução da regência, partimos do entendimento de Alves (2023, p. 28):

Conhecer o espaço escolar onde será futuramente o seu local de trabalho, planejar aulas, domínios de conteúdos, no início pode assustar um pouco, pois é algo novo e a visão que se tem em uma sala de aula já não é mais como de um aluno, mas sim de um professor, porém é muito gratificante produzir os primeiros passos na área da docência, pois contribuir para a formação de ensino dos alunos com a orientação do professor colaborador através da regência é uma experiência única que proporciona ao estagiário uma visão realista que é em uma sala de aula.

Com este entendimento norteador nossas escolhas, primeiramente construímos um cronograma de aplicação da regência, a escolha do tema que seria abordado nessa aula e para qual turma estaria destinada. Mais adiante, decidiu-se pelo tema da deriva continental e placas tectônicas. A partir daí, construímos o plano de aula, com definição da incentivação/introdução, tópicos a serem abordados e uma atividade de avaliação. Julgamos que o tema exigia um suporte visual através do uso de *slides* e a incentivação foi realizada através de um mapa.

Pensando no conjunto destes passos para o planejamento da regência, pudemos observar a complexidade do ato de planejar a aula. Ao aplicar a regência e executar o planejamento, também notamos a complexidade de realizar as escolhas para a aula em questão, dada a diversidade de possibilidades de interação entre o docente e os estudantes e entre os estudantes e os conteúdos. A atividade avaliativa solicitada no final da regência também foi reveladora de diversas variáveis que não se pode prever num planejamento, como certas dificuldades de aprendizagem preexistentes ou questões de comportamento da turma.

Com a regência executada, a supervisora e orientadores fizeram a avaliação da aula. Foi um momento de reflexão importante, pois pudemos vencer as inseguranças e certos medos que este momento avaliativo causa. Esta avaliação, que ocorreu em formato de roda de conversa, apontou os sucessos e os aspectos a serem melhorados para garantir um planejamento eficiente e uma boa condução da aula.

Por fim, o momento da regência em seu conjunto pode demonstrar que a identidade docente deve estar em contínuo processo de construção, já que os desafios enfrentados na escola são variados e que cabe ao docente manter a consciência sobre a necessidade da contínua busca de aperfeiçoamento de suas habilidades, facilitando a superação de desafios que o cotidiano da escola nos impõe.

COMENTÁRIOS E REFLEXÕES DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ENSINO MÉDIO

O estágio supervisionado II se desenvolveu nos três anos do ensino médio, contendo cinco turmas de 1º ano, quatro turmas de 2º ano e três turmas de 3º ano, havendo duas professoras de geografia responsáveis pela condução das aulas. Cada turma/ano possui suas próprias peculiaridades e as professoras adotaram metodologias diferenciadas para lidar com a construção das aulas.

A experiência vivenciada no ensino médio revelou dinâmicas muito diferentes em relação aquelas do ensino fundamental, como era esperado. O fato de nosso estágio do ensino médio ser realizado no período noturno acentuou ainda mais estas diferenças e nos trouxe outra dimensão acerca dos desafios do ensino de Geografia.

Muitos elementos contribuíram para a nossa percepção, como a localização da escola, o público atendido com vários alunos trabalhadores, a organização de uma escola no período noturno, entre outros. Daí partem os desafios, mas também possibilitam enriquecer o planejamento das aulas de Geografia nestes contextos.

Descrição das atividades realizadas

Nas turmas dos 1º ano do ensino médio, pudemos planejar e desenvolver atividades sobre projeções cartográficas, dinâmicas climáticas, estações do ano, circulação geral da atmosfera entre outros assuntos relacionados. Além disso, realizamos a observação participante das aulas das supervisoras.

Notamos que o livro didático é o principal material didático de suporte às aulas. Os procedimentos de avaliação utilizados pela professora responsável sempre usam as questões de múltipla escolha do

livro didático, em que os estudantes respondem no formato de cartão-resposta, pois não foram cobradas as questões dissertativas durante nossa permanência no estágio.

Nas turmas do 2º ano, ocorreu a observação de atividades nas aulas de geografia, com conteúdos sobre domínio de mares de morro, domínio amazônico, vegetação brasileira, geologia brasileira, pedologia e solos do Brasil, entre outros assuntos correlatos. Também houve a introdução à formação étnico-cultural do povo brasileiro. No decorrer de nossa permanência nestas turmas participamos de diversas atividades, contribuindo para a construção de algumas aulas.

Nas turmas do 3º ano, desenvolvemos observações das atividades envolvendo conteúdos sobre a problemática entre israelenses e palestinos no Oriente Médio, transformações econômicas no Brasil e suas relações internacionais, estrutura etária, estrutura produtiva brasileira, Primavera Árabe e guerra civil na Síria.

No decorrer das aulas analisamos a forma como eram apresentadas as exposições dos conteúdos, tendo como principal suporte o livro didático. O assunto era exposto por meio da escrita do conteúdo no quadro seguindo pela explicação da professora. Por fim, eram feitas atividades do livro no formato de questões de múltiplas escolhas. Houve a oportunidade de planejar e participar com outro estagiário na docência nestas turmas, abordando os temas da Primavera Árabe, guerra civil na Síria e estrutura etária.

Estas aulas ministradas se deram através da exposição dialogada, tendo como base o livro didático e o conhecimento prévio dos alunos. Esta estratégia se diferenciou da metodologia adotada pela professora responsável pela turma, pois esta se relacionada numa perspectiva tradicional, na qual se escreve o conteúdo no quadro branco e expõe sua explicação com base no livro didático.

Participação

No estágio II pudemos participar efetivamente do planejamento de aulas e atividades para além da regência. As atividades foram elaboradas e puderam ser colocadas em prática. Partindo de um olhar reflexivo sobre nossa atividade no ensino médio, concluímos que encontramos diversas motivações para seguirmos nossa formação como futuros professores/as de geografia. De acordo com Matiazio e Bernardino (2016, p. 152):

No tocante a formação inicial, visando aprimorar o ensino acadêmico e graduar profissionais com excelência, o estágio no espaço escolar – este presente no currículo acadêmico das licenciaturas – é um fator primordial, já que possibilita aos discentes universitários o contato com o ambiente de trabalho docente.

Nos apoiando nos autores, afirmamos que a construção de práticas pedagógicas se desenvolveu conforme o que o meio escolar foi nos proporcionando no estágio. Sendo assim, como afirmamos, o estágio é fundamental para compreender que as aulas na educação básica enfrentam diversos desafios que podem ser solucionados através de novas metodologias e dependem da forma como o futuro professor/a abordará em sala de aula.

Contudo, estando no meio escolar, tanto estagiário como docente estão destinados a aprender a ensinar, ou seja, deve haver necessariamente um constante aperfeiçoamento das práticas pedagógicas.

Regência no ensino médio

A preparação da regência inicialmente se deu dialogando com a professora supervisora responsável pelo 2º ano e com o professor-orientador do estágio supervisionado no ensino de Geografia II. O tema escolhido foi a geomorfologia brasileira, e a partir daí construímos um cronograma para a realização da regência, que envolveu o planejamento da aula, a elaboração de apresentação de *slides* como suporte visual e a elaboração de uma atividade avaliativa.

O primeiro passo para o planejamento da aula foi a busca por material bibliográfico, do qual seria a base da preparação da aula que seria ministrada. Em seguida, decidimos os principais tópicos, como as unidades de relevo do Brasil, agentes internos e externos do relevo e classificação do relevo brasileiro. A atividade avaliativa seguiu parcialmente o padrão adotado pela professora, com questões de múltipla escolha, mas também foi possível incluir questões dissertativas.

A etapa da regência deve ser aproveitada para orientar nossa postura, para incrementar nosso discernimento no planejamento da aula e para refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem. A concretização dessa etapa no ensino médio, proporcionou um despertar dos aspectos que precisam ser aperfeiçoados e a noção que o desempenho da turma depende do esforço e planejamento do professor.

A REGÊNCIA COMO ESPAÇO DE DESCOBERTAS DO FAZER DOCENTE

Com a realização dos estágios supervisionados no ensino de Geografia I e II, que estão relacionados as práticas do estágio nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, respectivamente, pudemos participar e reconhecer a realidade do espaço escolar, sendo fundamental para o aperfeiçoamento de habilidades e competências no que diz respeito a prática da docência numa escola de educação básica.

Tendo em vista que a etapa do estágio é marcada pelo amadurecimento da noção do que temos sobre a realidade do espaço escolar, as experiências obtidas nas regências forneceram um aprendizado essencial no que diz respeito às metodologias e práticas que devem ou deveriam ser aplicadas aos conteúdos, o uso eficiente de materiais didáticos e as estratégias para construir uma boa aula.

Conforme Torres e Santana (2009, p. 238):

Hoje em dia no cenário que estamos inseridos é de suma importância que os professores conheçam bem os variados meios de apoio que podem se utilizar para melhorar o desempenho das atividades propostas para os alunos, além de serem capazes de saber escolher e organizar as melhores atividades para determinados conteúdos.

A ideia que temos sobre a realidade da aprendizagem dos estudantes nas escolas nos dias atuais é que se tornaram ultrapassadas as práticas tradicionais, com aulas expositivas, uso restrito do livro didático como único material didático e com atividades de cópia de conteúdos da lousa ou do próprio livro. É evidente, tanto pela leitura da bibliografia especializada quanto pela observação, que devemos usar diversas linguagens e estratégias variadas para estimular a participação e facilitar a aprendizagem dos conteúdos de Geografia.

As regências realizadas colaboraram para que houvesse a capacidade de compreender situações no que diz respeito aos assuntos abordados e ao comportamento das turmas. Temas que poderiam se distanciar dos estudantes, podem gerar debates e reflexões, como foi com a abordagem de geologia e geomorfologia do Brasil. Basta refletir sobre como e porque se deve apresentar determinados temas em diferentes turmas do ensino básico.

A consciência da adequação que os conteúdos devem ter entre o ensino fundamental e o ensino médio deve ser permanente. No ensino médio ocorre o aprofundamento daquilo que foi trabalhado no ensino fundamental, mas é preciso estarmos preparados para o fato de que a formação dos estudantes no ensino fundamental tenha sido deficiente e que muitos conceitos básicos podem não ter sido abordados.

Mais do que “apontar o dedo” sobre as possíveis falhas, o professor deve recordar a responsabilidade, dentro de suas possibilidades, de que formação atual é dele, inclusive para preencher lacunas deixadas na formação dos estudantes. Além disso, é preciso recordar que a ciência geográfica tem como seu objeto de estudo o espaço geográfico e nele há a presença de vários conceitos que usamos para abordar aspectos dos processos naturais e da sociedade.

Na regência dos anos finais do ensino fundamental, a exploração do conteúdo apresentado aos estudantes do 6º ano que estavam relacionados a questão da geologia e geomorfologia, envolveu-se a origem da teoria das placas tectônicas e sua influência no meio terrestre. Usamos um suporte visual, com o apoio de slides, um vídeo curto em que foi exposta a demonstração do processo de correntes de convecção e a exposição de um cartaz contendo as principais placas tectônicas. Usamos adicionalmente imagens em movimento (arquivos GIF) com intuito de ilustrar e fomentar a compreensão do conteúdo, como por exemplo, demonstrar através das setas no mapa qual é o tipo de movimento das placas e o tipo de falha.

Na regência do ensino médio, o conteúdo apresentado aos estudantes do 2º ano estava relacionado com a questão da geologia e também da geomorfologia, incluindo assuntos sobre a geomorfologia brasileira. Para que houvesse a compreensão desse assunto, foi necessária uma abordagem da estrutura geológica do território brasileiro. Também utilizamos a exposição do conteúdo por slide elaborado em software de apresentação. As imagens, também neste caso, permitiram uma maior interação entre os conteúdos e os estudantes, permitindo a troca de ideias sobre o tema que estava sendo abordado.

A realização das regências foram fundamentais para o entendimento sobre como abordar certos assuntos que podem parecer complexos a primeira vista, mas que com uma aula bem planejada são possíveis de trabalhar com certa tranquilidade com os estudantes do ensino básico. Apesar disso, é importante ressaltar que para cada tema e turma, novas estratégias precisam ser pensadas. E este foi o maior aprendizado que obtivemos a partir das regências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas experiências e de novas que surgirão ao longo do caminho, continuaremos com construções e desconstruções em nosso processo de aprendizagem como docentes em formação. Estar na escola e vivenciar seu cotidiano foi fundamental para nossa formação. Planejar e executar as regências tiveram um caráter especial neste processo, pois ter turmas sob nossa responsabilidade, mesmo que em poucos momentos, deu a noção do comprometimento que devemos ter quando assumirmos a docência de uma turma quando estivermos formados.

Refletindo sobre a importância da regência, pensamos que ele poderia ocupar uma carga horária maior em nosso estágio, para testarmos mais estratégias e abordarmos outros conteúdos. No nosso modo de ver, é neste momento que exercitamos a docência de fato e por isso foi tão revelador em nossa experiência.

O conjunto de regências foi impactante, pois nele enfrentou-se o surgimento de novas inseguranças que já são muitas no estágio supervisionado, pois tudo é novidade. As dificuldades e inseguranças foram superadas ao longo do estágio, e ficaram a inspiração e a vontade de exercer a docência.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas (SEDUC) por meio da Coordenadoria Regional de Educação de Coari.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Dalton. A experiência do estágio na preparação do futuro docente em geografia: relato de regência curricular supervisionado I na escola estadual caranã em Boa Vista/RR. **Revista Eletrônica Casa de Makunaima**. Boa Vista, v. 5. n. 1, p. 26–33, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.24979/9dc0wb76>>. Acesso em 7 jan. 2025.
- CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira; MEDEIROS, Marinalva Veras. Formação Docente: Da Teoria à Prática, em uma abordagem Sócio-Histórica. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 2, jun. de 2006. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/3122>. Acesso em 7 jan. 2025.
- GEOGRAFIA. Colegiado do curso de licenciatura em Geografia. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia do Núcleo de Ensino Superior de Coari**. Tefé: Colegiado do curso, 2020.
- MARTINS, Rosa Elisabete Militz W.; TONINI, Ivaine Maria. A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente. **Geografia e Ensino & Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 98-106, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/21000>. Acesso em 7 jan. 2025.
- MATIAZO, Samuel; BERNARDINO, Virgílio Manuel Pereira. A importância do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia para a Formação de Docentes: Uma Proposta Pedagógica. In: **As políticas curriculares e o Ensino de Geografia**, 5º Encontro Regional de Ensino de Geografia, Campinas, 2016. Disponível em file:///home/wagner/Downloads/151_162_Matiazio_Bernardino-1.pdf. Acesso em 7 jan. 2025.
- MENEZES, Victória Sabbado; KAERCHER, Nestor André. A Formação Docente em Geografia: por uma mudança de paradigma científico. **GIRAMUNDO**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 47–59, jul./dez. 2015. Disponível em <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/GIRAMUNDO/article/view/544>. Acesso em 7 jan. 2025.
- PARENTE, Claudia da Mota Darós; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. O estágio supervisionado dos profissionais da educação. In: PARENTE, C. M. D.; VALLE, L. E. L. R.; MATTOS, M. J. V. M. (orgs.). **A formação de professores e seus desafios frente as mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015, pp. 63-74.
- TORRES, Eloiza Cristiane; SANTANA, Cristiane Daniela. Geomorfologia no ensino fundamental: conteúdos geográficos e instrumentos lúdico-pedagógicos. **Geografia**, Londrina v. 18, n. 1, p. 233 – 246, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/1982/2436>>. Acesso em: 16 set. 2023.